Centro
de Referência
Paulo Freire

Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire

acervo.paulofreire.org

InstitutoPauloFreire

Foto: acervo Instituto Paulo Freire

Quando a curiosidade é o mote principal:

Paulo Freire e a educação de crianças e jovens

Por Olgair Gomes Garcia

Uma proposta revolucionária para a alfabetização de adultos, nos anos 60, projetou o nome de Paulo Freire no cenário nacional e internacional. Na forma apressada como se costuma tratar as questões educacionais, sem um conhecimento mais aprofundado a respeito da teoria de educação que estava no bojo de tal proposta de alfabetização, intencionalmente ou não, inaugurou-se uma distorção: Paulo Freire passou a ser conhecido sobretudo como o criador de um Método de Alfabetização. Em vários momentos, mesmo esclarecendo a razão de seu interesse pela educação de adultos, ele mesmo se encarregou de mostrar o alcance de sua teoria para além desses limites. De qualquer forma, o viés nos privou de uma compreensão mais plena sobre o que ele representa e pode representar no ensino regular de crianças e jovens e da educação de modo geral.

Assim, no ponto de partida, quero defender aqui neste artigo que a teoria de educação de Paulo Freire é muito mais e muito mais completa e complexa do que o que comumente se diz dela. É tão pertinente quando a questão é educação de adultos como quando se trata de refletir e arquitetar propostas para a educação das crianças e jovens do ensino regular. É tão fecunda e tão atual que, mesmo agora, em que se completam dez anos de sua morte, conserva vivamente o potencial instigante para nutrir, inspirar e fecundar nossos sonhos e intenções por uma educação séria e de qualidade, por uma escola competente e ao mesmo tempo alegre e de muito querer bem aos educandos e educadores.

A experiência de alfabetização de adultos, que teve início em Recife em 1962, se analisada apenas do ponto de vista metodológico parece pouco diferente do que em muitos lugares se fazia até então. O que realmente trazia de novo era a concepção de educação que a sustentava: antes da introdução das palavras que se tornariam objeto de estudo para aprender o mecanismo da leitura, com base em todo um levantamento sobre as situações de vida dos sujeitos a serem alfabetizados, os educandos, por meio de "palavras geradoras" que lhes aguçavam a curiosidade, se envolviam numa situação de diálogo. O convite a eles, mais que tudo, era o de participarem de uma prática onde se apresentariam como gente, para se sentirem e se perceberem como gente de valor, com nome e história, para serem respeitados e considerados como tal. Ou seja, tratava-se de uma experiência onde os princípios norteadores eram o diálogo, a reflexão sobre a prática, a relação com o outro, a conscientização. Pode-se dizer, a espinha dorsal da teoria de educação de Paulo Freire.

Talvez o de que hoje se necessita é de conhecer melhor, investigar mais a teoria de educação freireana para se poder dar conta do quanto é abrangente, do quanto é atual, do quanto responde aos graves problemas que se enfrenta hoje na educação básica.

Neste sentido, a curiosidade, como uma característica muito peculiar às crianças e jovens, é o que dá o impulso no processo de ensino e aprendizagem pois, como diz Paulo Freire, "sem a curiosidade que nos torna seres em permanente disponibilidade à indagação, seres da pergunta – bem feita ou mal fundada, não importa – não haveria a atividade gnosiológica, expressão concreta de nossa possibilidade de conhecer" (1996).

Do que ele nos diz, pode-se destacar duas idéias vitais: a curiosidade é um estado próprio do sujeito e que nos empurra para viver intensamente a incrível aventura do conhecimento. Ou seja, a proposta de ensino e aprendizagem que não tenha como mote a curiosidade, não se ajusta bem, seja com crianças e jovens, seja com adultos e, sendo assim, ela se constitui como o princípio organizador da metodologia de ensino.

No livro Pedagogia do Oprimido, o termo "educação bancária" é utilizado precisamente para designar um tipo de prática educativa que, por centralizar o ensino nas mãos do professor ou professora, mantém os alunos numa posição de seres que gradativamente precisam abandonar a curiosidade, tratá-la como de importância secundária para aprender os conteúdos que a escola quer que aprendam, "sua tônica reside fundamentalmente em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade" (Freire, P. 1982) Ora, além de ser uma situação desrespeitosa em relação aos alunos, é uma situação bastante grave porque as crianças e jovens estão em processo de descoberta e apropriação do mundo, são curiosos pelo saber, desejam investigar e experimentar suas hipóteses e teorias
e, se a escola os impede
de querer conhecer e se desafiarem
para enfrentar os obstáculos que encontram
pela frente, certamente vão perdendo o interesse
pela escola, vão encarando a escola e os estudos como
coisas que têm que suportar porque lhes disseram que para
serem alguém na vida precisam deste sacrifício.

Trabalhar com a curiosidade é uma forma de problematizar o conhecimento, ou seja, de criar uma oportunidade em que o sujeito, no seu saber já constituído, vive um confronto com o não saber, que é uma experiência boa, mas incômoda, que exige um posicionamento, um desejo de querer saber. A problematização é um momento vital no processo de ensino e aprendizagem pois é a expressão viva de que "o ato de conhecer, de aprender, exige do homem uma postura impaciente, inquieta, indócil" (Freire, P. 1983). Disso se deduz que para aprender é preciso fazer perguntas, é preciso inventar hipóteses para respondê-las, é preciso buscar argumentos para sustentar pontos de vista, é preciso se introduzir sem medo no desconhecido. Mas é um caminho que não se consegue trilhar sozinho, é o descortinar de um processo em que a relação com o outro é extremamente importante. Este outro que pode ser o professor, o colega, os livros, as situações da vida cotidiana com tudo o que ela comporta; eles se constituem nos interlocutores que instigam, desafiam, criam obstáculos e alimentam o gosto e o prazer de querer estudar, pesquisar, encontrar respostas. E a escola não pode frear este impulso que é a razão de ser do interesse e da motivação, do desejo de fazer as coisas, de construir o que não está pronto, de aprender para saber mais e melhor.

Em termos metodológicos, a problematização suscita a necessidade da organização e da sistematização do estudado e do aprendido. "Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a... A atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vá alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente." (Freire, P. 1982). Ou seja, a problematização cria a ambiência necessária para o estudo e a aprendizagem e não apenas para um entusiasmo momentâneo, provoca um envolvimento dos estudantes com as situações de ensino e aprendizagem instrumentalizando-os para a utilização dos recursos pertinentes ao cerco epistemológico do objeto que está sendo investigado.

Na proposta de educação inspirada em Paulo Freire, o jeito de educandos e educadores lidarem com o estudo e aprendizagem na vida escolar os impregna de um desejo saudável de querer aprender embora, no cotidiano, pelo fato mesmo dos alunos serem sujeitos em

desenvolvimento, venha a exigir, por parte dos educadores, um saber cuidar respeitoso, mas exigente. Um cuidado que, sem pressionar para criar tensão e angústia, vá assumindo a forma de acolhida e apoio para que os próprios alunos gradativamente comecem a se perceber conscientes de si mesmos e das próprias ações, com autonomia. Neste sentido, o estudar e o aprender, na medida em que se consegue sistematizar e organizar o resultado de todo o esforço e empenho que foi necessário, o processo mesmo aponta a necessidade da criação de oportunidades em que os estudantes possam expressar, individualmente e no coletivo, as produções realizadas, as aplicações do conhecimento em situações que vão desde provas e avaliações até a realização de debates, organização de mostras de trabalhos, confecção de livros e cadernos, etc.

Pode-se dizer que, no momento em que os educandos participam efetivamente de situações em que podem compartilhar com os outros suas produções, seus sucessos mas também as críticas e observações, em que realizam e participam de eventos envolvendo muitas pessoas e pessoas diferentes, em que compartilham responsabilidades e tarefas, no dizer de Paulo Freire, esta seria a forma de dar concretude à dimensão ética e estética da educação. Esta seria a forma onde a escola como um todo estaria expressando sua concepção de educação. Uma concepção que não privilegie a educação cognitiva em detrimento da formação, mas uma concepção de educação que revele competentemente sua vocação humanizante.

Movidos pela curiosidade, os alunos, no processo de ensino e aprendizagem, podem assumir a postura de alguém que já pode dizer com confiança a respeito do que sabe e do que aprendeu, do que pode fazer com o que estudou, do que é e do que pode e deve fazer para realizar seu projeto de vida em sociedade.

Se a criança tiver a oportunidade de viver e conhecer o aprender e estudar da forma explicitada anteriormente, certamente desenvolverá outra compreensão sobre a escola, certamente construirá outra visão sobre o estudar e o aprender. Aprenderá a assumir que o estudar e o aprender são tarefas suas e que lhe possibilitam crescer e se desenvolver com confiança e segurança, sem medo e sem necessidade de cobranças por parte dos adultos. Desenvolvendo o hábito de observar, perguntar, levantar dúvidas, refletir e se concentrar para desvendar questões, para ir atrás de pistas para estudar e resolver desafios que quer solucionar, estará se instrumentalizando para enfrentar com sucesso situações novas e difíceis, como, por exemplo, exames e concursos. Ainda criança, estará se preparando no movimento mesmo de viver a sua infância com alegria e desenvoltura, para viver as outras etapas de sua vida, sabendo fazer discernimentos sobre os esforços que precisa empreender frente as suas próprias escolhas.

Pode-se pensar tratar-se de uma proposta de muito valor mas impossível de acontecer. Realmente este é um risco que se corre se não se cuidar de outros aspectos igualmente importantes e que estão intimamente vinculados uns com os outros. Com o mesmo entusiasmo e vigor com que nos fala sobre o processo de ensinar e aprender, Paulo Freire nos fala sobre a necessidade da formação continuada do educador ou educadora, da criação de condições e ambientes próprios para se estudar e aprender com gosto, da necessidade de se buscar uma outra forma de organização da escola, mais condizente com o jeito de se viver e conviver nos dias atuais.

A respeito da formação continuada do educador, a escola é um lugar de formação por excelência pois é o espaço vivo e concreto da prática educativa, é o espaço onde se pode aprender continuamente fazendo uso da reflexão sobre a prática. A concepção de formação do educador em Paulo Freire é bastante diferente das concepções tão em voga atualmente e parte da consideração de que o educador é o sujeito de sua prática. Por ser sujeito de uma prática, o educador, ou melhor, todos os educadores e educadoras envolvidos num projeto de formação são considerados interlocutores em relação com um formador. Ao invés de um formador que expõe e explica como deve ser desenvolvido um determinado jeito de ensinar ou fazer alguma coisa, o papel de um formador numa ótica freireana, ao invés de fazer comunicados, é o de alguém que, fazendo uso dos "saberes necessários

á prática educativa" (1997), cria situações onde a prática dos próprios professores emerge para ser refletida e analisada; onde as dúvidas, o não saber, as inquietações vão sendo colocadas para serem compartilhadas; onde a busca de uma melhor compreensão teórica sobre os problemas apresentados vai sendo assumida coletivamente; onde o compromisso com o saber mais, para uma ação mais competente, vai se manifestando de uma forma mais despojada e corajosa, vai sendo assumida de forma mais autônoma e consciente. A formação permite que professores e professoras percebam e sintam que fazem parte de um coletivo e que, pelo próprio fato de terem optado por serem educadores, têm um compromisso social: a tarefa ou obrigação de cada um não é de cada um, é de todos. Todos estão envolvidos e são responsáveis pela formação das crianças e jovens, não importa se são professores ou professoras de crianças na Educação Infantil ou no Ensino Médio.

A necessidade da formação continuada do educador na própria escola traz para o plano do real a necessidade de um repensar cuidadoso sobre a organização e funcionamento da escola, ou seja, uma escola séria e competente tem que considerar que a jornada de trabalho do professor/a não pode se restringir ao número de aulas sob sua responsabilidade. O tempo necessário de permanência cotidiana do professor ou professora na escola precisa levar em conta que ele/a faz parte de um coletivo, que lida com crianças e jovens que estão crescendo e se desenvolvendo num tempo presente bombardeado por um movimento extremamente dinâmico, que são educadores (e não super-pessoas) necessitando de apoio constante para lidar bem com as crianças e jovens, que são profissionais que precisam se atualizar constantemente. O tempo de permanência do professor/a na escola precisa considerar que, além do tempo curricular, há necessidade de um tempo para as reuniões pedagógicas, um tempo para atender alunos individualmente ou em pequenos grupos, um tempo para planejar e desenvolver trabalho com os pares, um tempo para se inserir na escola como educador/a.

Vale lembrar, ainda, que não se pode acreditar numa escola que se diz séria, mantendo a organização do tempo para ensinar e aprender dividido e organizado em 45 ou 50 minutos, seguido de um rodízio não só de professor/a, mas principalmente de abordagem de diferentes áreas do conhecimento; que não se pode confiar numa escola que, para apresentar a aparência de um ensino de qualidade estabelece ou impõe uma prática de avaliação desconexa com o processo de ensino e aprendizagem; que não se pode acreditar nos bons propósitos de uma escola onde o espaço para circulação e uso de professores e alunos é apenas o convencional, com talvez uma sala de informática, uma biblioteca a mais.

A escola de inspiração freireana é possível. É possível porque é pensada não só no plano do ensino e aprendizagem, mas em todas suas implicações para assegurar às crianças e jovens uma ambiência realmente desafiadora a sua curiosidade, aos seus sonhos e desejos, a sua vocação de se constituir sujeito que é gente com direito à vida digna, justa e solidária. ■

Referências bibliográficas

1- FREIRE, P. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro, Paz e terra, 1983

2- _____ Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e terra, 2001

3- _____ Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1982

4- _____ À Sombra dessa mangueira. São Paulo, Olho D'Água, 1995

5- _____ Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997

6- GARCIA, Olgair G. Refletindo sobre a aula: descobrindo um caminho para a formação do educador na escola pública, Dissertação de Mestrado, PUC de São Paulo, 1995

7- _____ A formação do Educador em Paulo Freire, Tese de Doutorado, PUC de São Paulo, 2004

8- _____ Porque trabalhar com projetos no Ensino Médio, in Revista de Educação da AEC, nº 113, 1999

9- _____ O que é ser Aluno? In Revista de educação da AEC, nº 134, 2005

Olgair Gomes Garcia é Pedagoga, Doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP; atualmente é Coordenadora Pedagógica na EMEF Mauro Faccio Gonçalves em São Paulo e assessora projetos de formação do educador em redes públicas. Acumula experiência como professora universitária em cursos de pedagogia e licenciatura e de coordenação pedagógica em escolas privadas de São Paulo. Fez parte da equipe de Paulo Freire na Secretaria de Educação de São Paulo (1989/1992) e organizou o livro Poetizando Paulo Freire, em 2001, uma publicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, por ocasião dos 80 anos de Paulo Freire.

E-mail: olgarcia@terra.com.br